
1º lugar

O limite da intolerância

Atualmente, não só no Brasil mas em todo o mundo, a questão do preconceito bem como a do respeito e valorização das diferenças alheias é bastante discutida. As situações são diversas, variam desde pequenas demonstrações de rejeição ao “estranho” até casos de preconceito e desprezo explícito ao outro. Mas, enfim, até aonde vai a nossa intolerância?

Seja na praia, no restaurante, no condomínio ou em qualquer outro lugar, sempre existe aquela pessoa que foge do padrão, da normalidade, aos olhos da sociedade. Também é sempre perceptível o estranho modo como quase todos em volta olham para este “diferente”. Tal olhar transmite o terrível julgamento, quase automático, feito inconscientemente pela maioria dos seres humanos.

Será correto tratar, olhar, conversar e respeitar os outros de maneira especial/diferente devido as suas insignificantes características externas? Por mais óbvia e simples que seja a resposta, coloquemo-nos na posição daqueles que sofrem o preconceito para podermos realmente avaliar a situação de modo mais justo. Primeiramente, devo dizer que o trauma e as consequências sofridas pela “vítima” são marcantes e duradouras. Além disso, mesmo que seja praticamente impossível evitar que as pessoas tenham um pré-julgamento sobre o outro em seu próprio pensamento, não acho que isso pode ser considerada uma falta grave e desrespeitosa desde que esse pensamento não seja exposto. Como muitos dizem: “se não houver nada de bom para se falar, cale-se”.

Mas, concluindo, penso que para convivermos em meio a essa sociedade com tantas diferenças, um ponto muito importante a ser trabalhado por cada pessoa, em si mesma, é o respeito e a aceitação de todos, independente de sua idade, roupa, nacionalidade, língua, religião ou cultura. Afinal de contas, “cada um é cada um” e todos nós temos (ou pelo menos deveríamos ter) o direito de fazer nossas próprias escolhas sem sermos julgados ou criticados por isso.

Bernardo Castro – 8º ano I₁

2º lugar

Apesar de ser o país com a maior quantidade de habitantes afrodescendentes fora do continente africano, dados mostram que o preconceito com negros e pardos no Brasil ainda é um problema, mais de um século depois da abolição da escravidão.

O Brasil, país conhecido pela diversidade cultural e mistura étnica, engana quem não conhece as absurdas situações de discriminação, indiferença e exclusão sofridas por negros e pardos em nosso “país de todos”.

Vivemos em uma sociedade em que a cor de pele de um cidadão é usada como justificativa para uma ofensa, uma agressão e até um assassinato. Em que uma vaga de emprego pode ser decidida, não por competência, mas por aparência. Uma sociedade que se gaba de sua modernidade e evolução contínua, mas que ainda se prende a ideias de tempos passados. Ideias que nunca fizeram, não fazem, e nunca farão sentido algum.

Um mundo cheio de pessoas vazias. Mentes vazias, corações vazios. Pessoas que não têm noção de humildade ou de mínimo respeito e amor ao próximo.

Somos todos humanos. Simplesmente humanos.

E leis, ainda que postos em prática, não cumprirão seu papel sem o apoio da educação que deve ser dada pelos novos e futuros papais e mães, que buscam deixar um mundo melhor para seus filhos e netos, e a mudança de quem ainda tem tempo de consertar os próprios erros.

Júlia Trindade – 8º ano A

3º lugar

O transtorno do avião

Numa noite estrelada em meados de dezembro de 2008, eu já estava no avião pronto para decolar com meus pais e várias outras pessoas para uma longa viagem com destino a Paris, França. Foi quando me deparei com uma situação desagradável, em que uma senhora mal educada criou a maior confusão apenas pelo simples fato de estar sentada ao lado de Wilson, um homem negro, não tão bem arrumado.

– Aeromoça, por favor, a senhora poderia mudar o meu local de assento? – perguntou Madalena.

– Por que, senhora? Está com algum problema? – disse a aeromoça.

– Na verdade estou sim, não tolero que pessoas negras e pobres sentem próximas a mim.

– Desculpe, senhora, mas todos os assentos da classe econômica estão ocupados – respondeu a aeromoça.

– Então mude-me para a primeira classe, se esse é o problema!

– Senhora, vou falar com o chefe de cabine para ver o que posso fazer para ajudá-la.

Nesse meio tempo, Wilson tinha prestado atenção no diálogo, porém estava com uma expressão normal, como se nada tivesse acontecido. Foi aí que o chefe de cabine o chamou pelo nome, pelo microfone, dando o seguinte recado:

– Senhor Wilson Teixeira, pegue seus pertences e mova-se para o assento 4C na primeira classe.

Todas as pessoas que tinham ouvido o diálogo de Madalena com a aeromoça começaram a aplaudir e em poucos segundos todo o avião aplaudia, mesmo que alguns nem soubessem o porquê. Mais tarde, depois de um calmo voo, quando o avião já havia pousado, Madalena foi se desculpar com Wilson, na primeira classe.

– Senhor, me desculpe não era a minha intenção dizer tudo aquilo...

Wilson, sem querer discutir com Madalena, apenas disse:

– Sem problema, desculpas aceitas. A propósito, Madalena...

– Como o senhor sabe o meu nome!?! – interrompeu surpresa a senhora.

– Sei seu nome, pois a senhora trabalha na minha empresa e o seu chefe/superior é meu funcionário, como você.

Madalena, então, pediu mais desculpas e se retirou.

Quando as férias de trabalho acabaram, a senhora não trabalhava mais na empresa de Wilson e estava desempregada. Quem julgava ser superior apenas pela diferença étnica, agora estava “na rua” e havia aprendido que a cor da pele não define se o indivíduo é pobre, rico ou diferente. Dessa experiência em diante, Madalena nunca mais desrespeitou as pessoas por serem de etnias diferentes e nem pelas suas diferenças.

Gabriel Andrade – 8º ano I₁

